

BERLIM E PRAGA

As duas cidades são importantes capitais de países europeus, que atraem milhões de turistas anualmente por suas atrações culturais e por sua arquitetura especial. Berlim, que já foi a capital do III Reich hitlerista, ficou décadas dividida em duas partes (uma comunista, outra capitalista) e foi reunificada após a queda do Muro, tornou-se uma metrópole atraente para os arquitetos do “star system”, com suas arrojadas e modernas construções. Já Praga, bem menor, atrai pela arquitetura do passado. Lembrei-me de ambas durante a pandemia, não por não poder voltar a passeio, coisa que gostaria de fazer, mas porque foram as cidades escolhidas por dois artistas admiráveis para ambientar suas histórias.

Confesso que finalmente terminei de ler o catatau de 592 páginas de “Berlin”, umas das mais magníficas “graphic novels” que já tive em mãos. Indicado ao Eisner e ao Harvey Awards, vencedor de dois prêmios Excellence in Graphic Literature, o livro foi publicado no Brasil pela Editora Vêneta, especializada em quadrinhos. “Berlin” é uma fenomenal descrição da Alemanha quando a República de Weimar caminhava para o desastre envolvida pelo embate entre visões de mundo opostas, a social-democrata, a comunista e a nazista. Através das lentes de pessoas comuns e uma primorosa recriação da arquitetura e da paisagem urbana da capital alemã, a História da maior tragédia do século XX vai se desenrolando como num filme, e tem muitas similaridades com nossa estupefação com a eleição de um personagem como Bolsonaro e o que aconteceu depois. As lutas entre comunistas e nazistas nas ruas, a alienação da elite e classe média para o que estava acontecendo, o fim da democracia, a ascensão das ideias fascistas que levariam à ditadura hitlerista que se avizinhava, a violência contra os opositores, a farsa das “instituições funcionando”, lembra demais aspectos do que estamos vivenciando quase cem anos depois.

Vencedor os prêmios da APCA e da Biblioteca Nacional, o “Livro de Praga – narrativas de amor e arte” de Sérgio Sant’Ana, o grande contista carioca, provavelmente será seu último texto que lerei, pois o perdemos para a variante da praga bolsonarista do Covid em maio do ano passado. É uma lição maravilhosa de literatura, de alto nível. São sete contos entrelaçados como se fosse um romance, tendo como eixo geográfico a magnífica Ponte Carlos em Praga. Como visitei a cidade, o texto permitiu que viajasse na imaginação mais que na maionese que é o pano de fundo das histórias de um escritor que, ao passar uma temporada na cidade para escrever, vai a uma exposição de Andy Warhol e se encanta com a apresentação de uma misteriosa e bela pianista que toca com exclusividade para pessoas endinheiradas que se dispõem a pagar uma pequena fortuna para ouvi-la.

A arte tem essa potência, de nos devolver um pouco da imaginação sobre o mundo lá fora, mesmo em isolamento e separados das pessoas que gostamos enquanto esperamos a vacina que o negacionismo, a necropolítica e a incompetência dessa outra Praga eleita que nos nega a vacina na velocidade necessária para estancar o genocídio.

Mauro Ferreira é arquiteto